

## Comportamento, Ambiente e Genética

Não há como precisar momentos de cisão no campo do pensamento, dar exatidão nos surgimentos de novas tendências, e determinar as alterações de sentido na orientação majoritária das ideias e suas formações de consensos. O que não podemos perder de vista, entretanto, é que o *novo*, no que diz respeito à cognição, ocorre com muito mais frequência como uma nota dissonante que emerge de uma inserção num processo de repetição. A razão é simples, as etapas do processo cognitivo demanda o domínio de habilidades e competências de até então, para que se faça o diferente, não raro, a partir dos mesmos fundamentos. Podemos utilizar a sucessão construtivista que desencadeou a obra de Galileu ou Filippo Brunelleschi, apenas para citar dois exemplos oriundos de áreas um tanto distintas. Há a maior fertilidade, e, portanto, ocorrências históricas, onde experimentalmente se converte um algo em um novo, do que a inovação surgir do nada, fruto, talvez de um singular acaso ou de um insight, como a iluminação de Sidarta Gautama ou a relatividade de Einstein.

Tentando ser mais claro, exemplifico de outra forma: Os estudos de psicologia, que se intensificaram no período que vai de alguns anos anteriores à primeira guerra, até o pós segunda grande guerra, tiveram como característica a predominância da genética como fator determinante do comportamento. Em sendo assim, observamos na ocasião, do lado das potências antifascistas o movimento diametralmente oposto. com a preponderância absoluta do comportamentalismo, ou teoria da “távola rasa”. A doutrina de extrema direita fez uma imensa aposta nos fatores genéticos, tornando-os determinantes inescapáveis do comportamento infantil e adulto. Com o fim da segunda guerra, pensadores da envergadura de Jean Paul Sartre, fizeram valer a filosofia não determinista, o preço maior da liberdade com sua responsabilização. E ainda, tivemos no meio acadêmico um fortalecimento da discursividade quanto a capacidade de o ambiente produzir a totalidade de temperamentos, como a forte perspectiva de haver pleno controle acerca do arcabouço emocional e cognitivo, que irão resultar em padrões comportamentais futuros e mesmo na própria identidade da pessoa. A proposta poderia ser resumida no desafio: “me deixem educar dez crianças e faço dois engenheiros, um médico, um comunista, um banqueiro.... Até um delinquente.” Skinner ensinou dois pombos a

jogarem algo como ping-pong em pouquíssimo tempo<sup>1</sup>. Este movimento afirmativo e de exclusão, como toda a verdade sempre o é, que durou cerca de 50 anos, dificultou o surgimento de estudos que parecem ter ganhado maior potência na atualidade, no sentido de buscar a compreensão dos determinantes comportamentais através da conjugação de fatores genéticos e ambientais, com maior um menor preponderância para um ou outro, conforme as especificidades do caso, seus possíveis sintomas, ou a tipicidade das atitudes. Acreditamos que pouca gente no mundo contemporâneo ainda acredite que a esquizofrenia, por exemplo, diferente de ter um determinismo genético agudo, seja provocada “por pais que tinham dificuldade em se comunicar com os filhos”, como se afirmou no passado. Ou que entendam que a capacidade de interpretação de um texto ou de solução de problemas, não tenha nenhuma relação com aspectos culturais reproduzidos de forma progressiva e exaustiva no âmbito ambiental e relacional da família e da escola.

Com base nessas premissas, acreditamos que seja uma boa estratégia expositiva, tratar numa primeira etapa de forma separada o que chamamos de comportamento genético, daquele resultante do ambiente, incluindo nesta parte o que denominamos cultura. Depois iremos tentar analisar algumas características comportamentais e mesmo cognitivas, mais frequentes entre mulheres e homens, com base em estudos evolucionistas de primatólogos e psicólogos da cognição. Discorreremos, ainda que brevemente, sobre a Filosofia da Diferença e conceitos como sexismo, machismo e feminismo, vistos por uma ótica que se pretende ser pouco tradicional, retomaremos a questão da cultura e das culturas e sua reprodutibilidade, no contexto da instituição escolar e buscaremos uma conclusão acerca das perspectivas e cenários para o feminismo do século 21, como disse, numa visão que, pretensiosamente, irá se colocar como mais atual e um tanto fora das convenções que o senso comum resolveu impor, como padrão de normalidade, às pessoas classificadas como feministas.

### **Távola Rasa**

Como havíamos proposto, vamos buscar construir algumas linhas abordando a questão de as possíveis matrizes comportamentais decorrerem do perfil genético do vivente. Boa parte das pesquisas com as quais me deparei sobre este assunto, valeram-se de estudos de caso, os quais pretendo referir, como de estatísticas sobre gêmeos de mesmo DNA, a partir da base de dados coletada por décadas, e disponibilizada

---

<sup>1</sup> Veja o video aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=vGazyH6fQQ4>

por órgãos de governo da Dinamarca, apresentados pelo Professor Matt McGue do Departamento de Psicologia da *University of Minnesota* e Co-Diretor do *Minnesota Center for Twin and Family Research*.

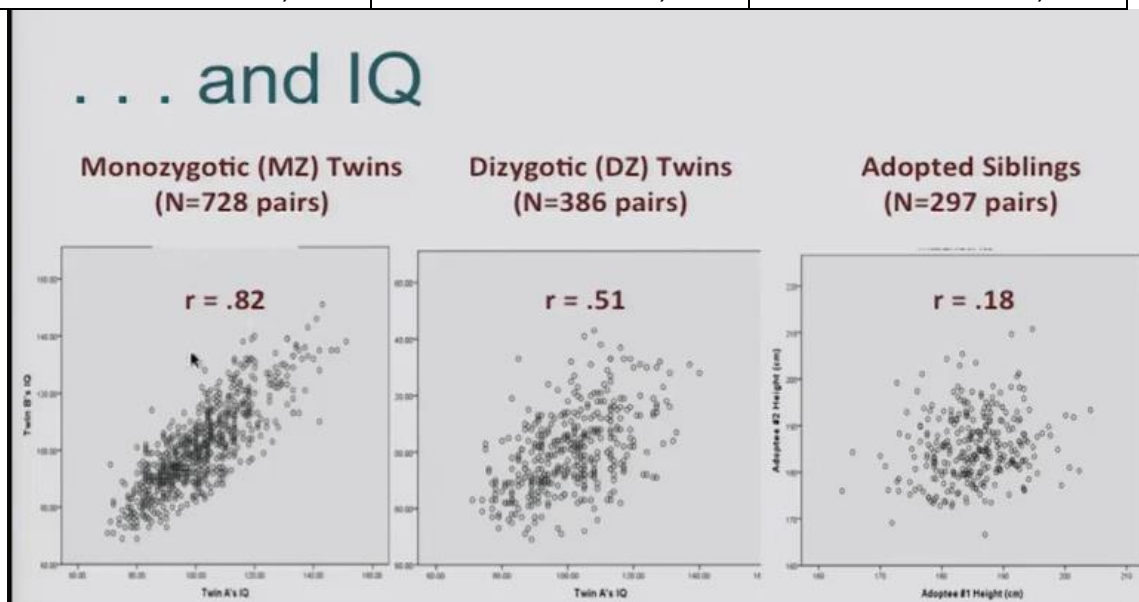
Os estudos se baseiam em comparações entre gêmeos idênticos, que compartilham do mesmo DNA, com os cenários de ambos terem sido criados juntos, como ainda quanto aos que foram separados desde o nascimento, assim como a de gêmeos não idênticos, que cresceram juntos. Com essas três perspectivas, poderemos demonstrar de forma sintética e objetiva, as capacidades de indução comportamental por conta da genética, da educação e da conjugação de ambos fatores.

Um caso célebre e recentemente divulgado, foi o de Steve Jobs que conheceu sua irmã, a escritora e roteirista consagrada, Mona Simpson, aos vinte e cinco anos de idade. Seus pais biológicos tinham PHD e seus pais de criação, uma escolarização bem inferior. A afinidade entre os dois foi um emocionante capítulo na vida de ambos e poderia ser resumida em parte de uma entrevista, que ela deu ao NYT: “Mesmo sendo uma feminista, passei a minha vida toda à espera de um homem para amar e que pudesse me amar. Por décadas, achei que esse homem pudesse ser meu pai. Quando eu tinha 25 anos, eu conheci esse homem e ele era meu irmão”. Steven Pinker, em sua obra *Távola Rasa*, relata casos semelhantes onde os irmãos idênticos, que não tinham sequer a noção da existência do outro, quando se encontraram adultos, demonstraram inúmeras identidades em preferência de gosto, tinham votado nas últimas décadas no mesmo partido, se vestiam de forma assemelhada. Isso sem contar com outros traços de estilo de vida mais frequentemente estudados, como tendência ao alcoolismo, uso de drogas, QI, nível de introspecção e de agressividade.

Quando comparamos ocorrências entre irmãos gêmeos, no entanto, com DNAs diferentes, com as entre irmãos adotados com exatamente a mesma idade, e portanto, nas duas situações com educação e condições ambientais semelhantes, verificamos uma maior tendência de identidade atitudinal, entre os que compartilham de 50% de identidade genética (os irmãos de mesmo pai e mãe, ou com 25%, ou seja, um genitor ou genitora em comum), do que daqueles que foram, tão somente, criados juntos. Todavia estes, possuem muito mais traços entre si, do que entre as médias populacionais possíveis de comparar estatisticamente, ou seja com perfil social, econômico e cultural equivalentes.

O gráfico abaixo mostra resultados de testes de inteligência e sua comparação nos três cenários pertinentes.

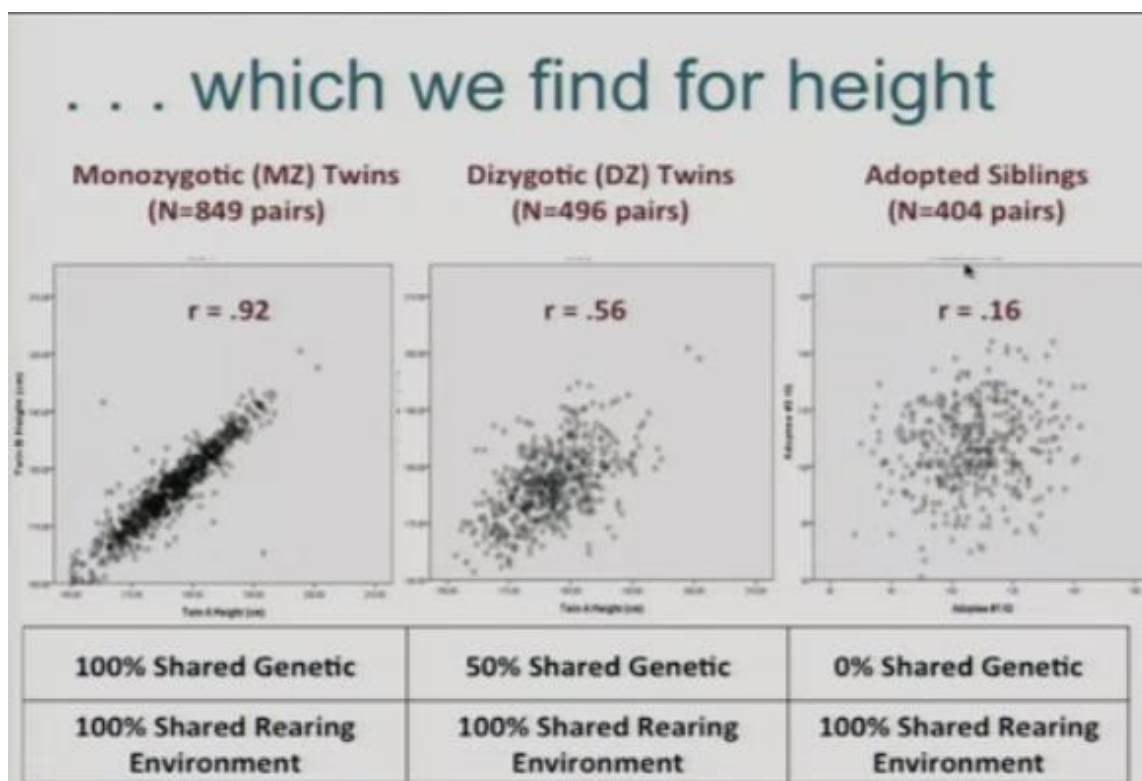
Identidade genética de 100%	Compartilhamento genético de 50%	Nenhuma semelhança genética
Mesmo ambiente de crescimento (mesma casa, mesma idade, família, escola, etc.).	Mesmo ambiente de crescimento (mesma casa, mesma idade, família, escola, etc.).	Mesmo ambiente de crescimento (mesma casa, mesma idade, família, escola, etc.).



É relativamente fácil verificar a convergência das nuvens que vão ficando mais rarefeitas da esquerda para direita.

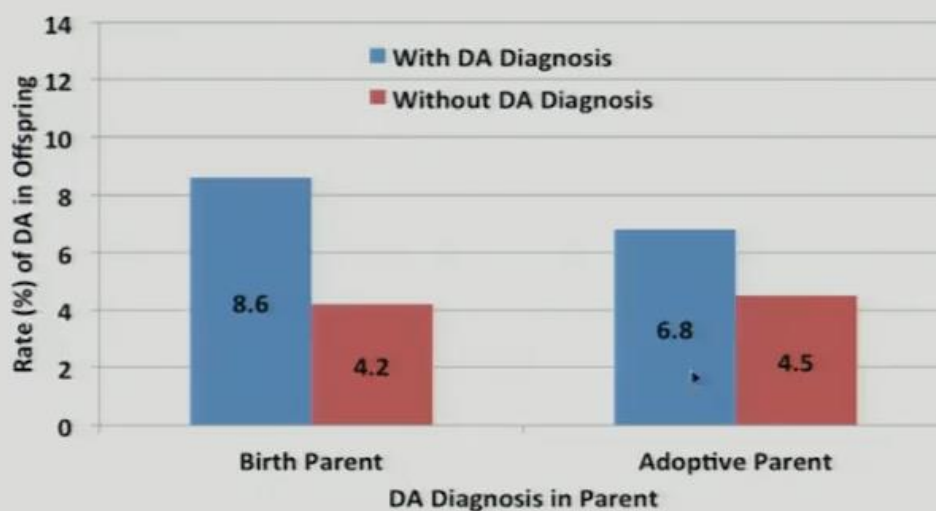
Já no que diz respeito à altura física, a correlação é, por óbvio, direta e proporcional. Não há qualquer influência ambiental, talvez um indicador

residual em função da alimentação, rica em vitamina A, por exemplo que estimula a produção de GH (do inglês growth hormone), também denominado somatotropina (ST), como também de diferentes condições de saúde favoráveis.



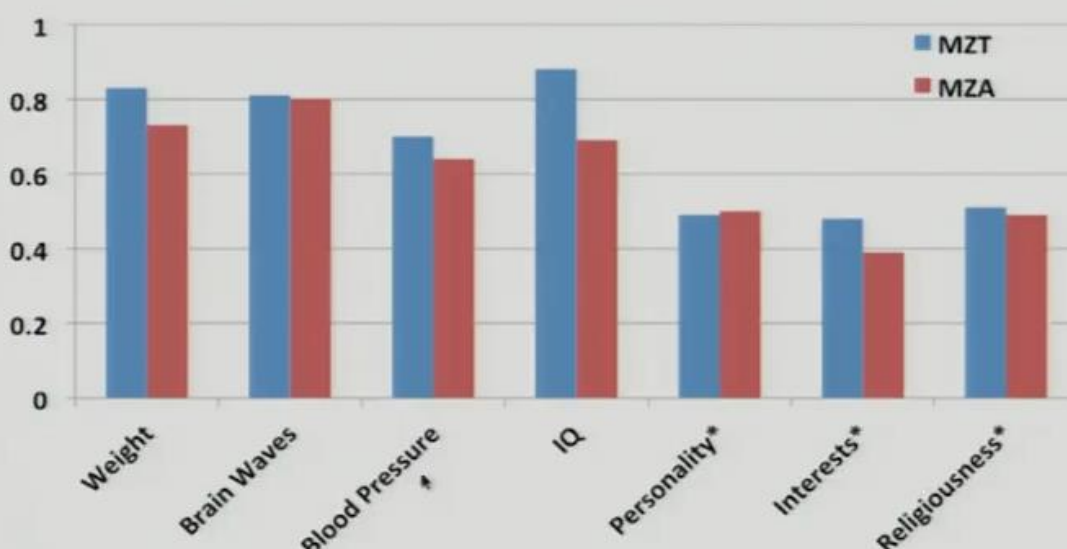
O gráfico abaixo mostra a probabilidade comparativa, entre irmãos sanguíneos e adotados, no quesito abuso de drogas, sendo a coluna azul a situação com diagnóstico médico e em vermelho sem o mesmo. Interessante constatar que as semelhanças ocorrem em maior escala quando o parentesco é genético, ainda que o ambiente efetivamente influencie de maneira significativa este comportamento, assim como diversos outros.

... as well as in adoptive parent, albeit to a lesser degree



Um estudo mais antigo de 1990, demonstra a correlação de irmãos gêmeos monozigóticos, ou seja, idênticos, que foram criados juntos, em relação aos os separados no nascimento, nos quesitos a peso, ondas cerebrais, pressão arterial, QI, características de personalidade, áreas de interesse e religiosidade. Aqui, então, estamos verificando o impacto do ambiente fazendo diferença em indivíduos que compartilham exatamente a mesma carga genética.

A 1990 *Science* publication found little correlation difference between reared-apart (MZA) and reared-together (MZT) twins



Ora, é de se admitir que se o seu cardiologista pergunta se você sabe e poderia dizer qual a *causa mortis* de seus pais e avós, para determinar tendências à cardiopatias, não parece absurdo levar este raciocínio para o campo da cognição e do comportamento. Observem, no entanto, que o QI parece ser um fator de razoável variabilidade de acordo com o ambiente, ou seja, a inteligência pode ser estimulada e desenvolvida, como já se afirmava desde o início do século XX.

### **Filosofia da Diferença: A Ética da Alteridade**

Inicialmente iremos tratar a questão da alteridade tentando estabelecer sua esfera de competência: o elemento fundador do eu, já que é “a condição relacional” que promove a gênese da subjetividade.

Vamos, para tal empreitada, nos valer dos pontos de vista de Buber e Emmanuel Lévinas.

Ao nos deparar com a obra de Buber, temos clara ideia de que estamos diante de alguém que busca, no alicerce dialógico, a fundamentação de princípios onde o indivíduo, diferente de gozar a plenitude de Ser, ou a pequenez de sua entificação, se coloca na posição relacional superlativa: a que se estabelece entre Eu e Tu.

Na ideia radicalmente fundadora da diferença: onde eu sei que sou eu, pela irrefutável certeza de eu não sou você... O que deve ficar claro, é que na relação Eu-Tu, O meu Tu, não é idêntico ao Eu do outro e nem vice-versa, ao mesmo tempo em que é o meu Tu que funda o meu Eu, e não o Tu, do outro propriamente dito.

O Eu em si, simplesmente não existe, o que contraria toda a tradição filosófica anterior e estamos diante da base projeto dos dois filósofos antes citados, na criação de um pensamento que se estabelece como uma ética.

O Tu existe sempre em processo, e igualmente sempre, como parte relacional do Eu.

Fora disso, o Tu está sempre voltando em direção a sua coisidade, a ser um Ele ou Ela, um feixe de acidentes ou características.

A capacidade de resposta do homem eleva-o no prisma espiritual em completez, e esta reação deve ser silenciosa e libertadora, em presença, em contemplação de face a face, e é aí que surge o verdadeiro conhecimento, quando os seres mais do que se experienciarem, se tocarem.

Ao estabelecer os pares de “palavras princípio”, o pensador alemão fixa duas dimensões existenciais, a do “Eu-Tu”, fundada na relação dialógica e a do Eu-

Isso, de natureza objetiva, coisal, onde se desenrola a historicidade. A experiência, segundo Buber, ocorre de forma exclusivamente imanente:

O experimentador não participa do mundo, a experiência se realiza “nele” e não entre ele e o mundo. O mundo não torna parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois, ele nada faz com isso e nada disso o atinge (Martin Buber 2009:17).

Emmanuel Lévinas dá sequência e aprofunda o pensamento de Buber com a irrefragável lei da alteridade fundadora, onde outros existiram antes, coexistem no agora, e outros outros existirão depois de mim. É a tentativa de criar a partir daí uma ética da eleidade como caminho que ultrapassa e se distancia das prescrições morais do humanismo.

Se a vida nasce do encontro, ela neste se fundamenta e faz nascer como necessário a relação intersubjetiva, que grita pela aceitação incondicional do outro, como alteridade própria e plena. E jamais “como este deveria ser” ou como nosso “protótipo de vivente,” nosso construto mental egoísta.

O outro nos desafia ao mergulho indizível na compreensão de sua infinita diferença, a morada de um abismo transbordante e incognoscível, onde a abertura deste provoca a nossa própria, diante do mundo, naquele momento de tempo que se sucede a cada instante.

O reconhecimento da diferença, a ética da alteridade, o entendimento quanto à verdadeira dimensão do Outro em sua relação de dissimetria em relação a um Eu que se coloca em abertura, possibilita a ideia de uma cidadania em um patamar de pensar o coletivo e o indivíduo, num plano onde seja possível acolher ambos os interesses em situação de equilíbrio.

Permitindo pensar um poder estatal, sob a égide de uma nova democracia, onde faça sentido contrair responsabilidades, ao mesmo tempo que seja possível efetivamente, gozar da proteção do estado de direito.

Sem esquecer nossa dimensão histórica, onde há uma longa trajetória de nossa civilização pautada pela luta, resistência e reação, protagonizada por diversos grupos oprimidos, quer por gênero, etnia, nacionalidade, convicção religiosa, orientação sexual, enfim...

O entendimento do outro como um grupo genérico e multiforme que, por exclusão ou afirmação, nos instaura a identidade, de fato, tem o condão de promover a gênese da autoconsciência e mais além, a linguagem, essência da humanidade, *ethos* indissociável da própria existência perceptiva. Nos é



impossível carregar o fardo do cogito, sem a permanente leitura, significação e ressignificação do mundo.

A mundanidade exige um estar na linguagem, no *logos*.

E imergir no tecido da linguagem, nos coloca no campo das expectativas, como no das possibilidades.

### **Reconhecimento Social. O Gênero como uma variável.**

O primatólogo Frans de Waal é um dos autores que permite uma visada completamente diferente, na medida em que buscamos tangenciar o tema deste capítulo. Partiremos da evidente premissa de que o que estamos tratando aqui é, numa perspectiva reducionista: das relações de poder que se estabelecem nos agrupamentos sociais, e que em verdade, é a mola propulsora das ações dos indivíduos em busca de recompensa ou melhor perspectiva de perpetuação do genes egoístas<sup>2</sup>. O reconhecimento social, em especial quanto ao gênero, não se resume a ser resultado de um processo, mas a causa fundamental dos planos, estratégias, ações e objetivos da interação social como um todo.

O amor, na circunscrição evolucionista, é resultado da certificação de que o outro promoverá a atenção, a segurança e a satisfação mesmo em estado de ausência. A autonomia afetiva, significa compreender a presença do ausente sublimado em afecção. É esta reminiscência que dá combustível ao amor da mesma forma que ao ódio. A aceitação e a rejeição têm efeitos devastadores sobre o parêntese anímico não apenas do homem, mas de todos os grandes primatas.

Para um macho de alta posição hierárquica seria conveniente camuflar quaisquer desvantagens, e esta tendência pode ter se arraigado. Entre os chimpanzés não é raro um líder ferido redobrar a energia que põe em suas demonstrações ritualizadas de agressividade, criando assim a ilusão de estar em plena forma. Waal, Franz De – 2007:65/66).

É nesta gramática que emergem os modelos de predação e retaliação alimentados por um bem imaterial denominado honra. Nas sociedades onde

---

<sup>2</sup> para fazer referência a obra de Richard Dawkins, que trouxe significativo impacto no pensamento, desde sua primeira edição em 1976

este é um fundamento essencial, a violência escapa da racionalidade evolucionista, do ganho sob baixo risco e coloca indivíduos e grupos em situação de cegueira frequentemente suicida. Os níveis de desenvolvimento intelectual, a mais das vezes, empresta proporcionalidade a este tipo de comportamento.

No mundo contemporâneo dos países em desenvolvimento, em especial em suas camadas populares, a gravidez precoce, ainda que desconectada de um parceiro, é fundamento para a elevação do status da menina à condição de mulher, e o fim da capacidade de jugo dos pais, ainda que a criança tenha de ser cuidada e alimentada pelos avós.

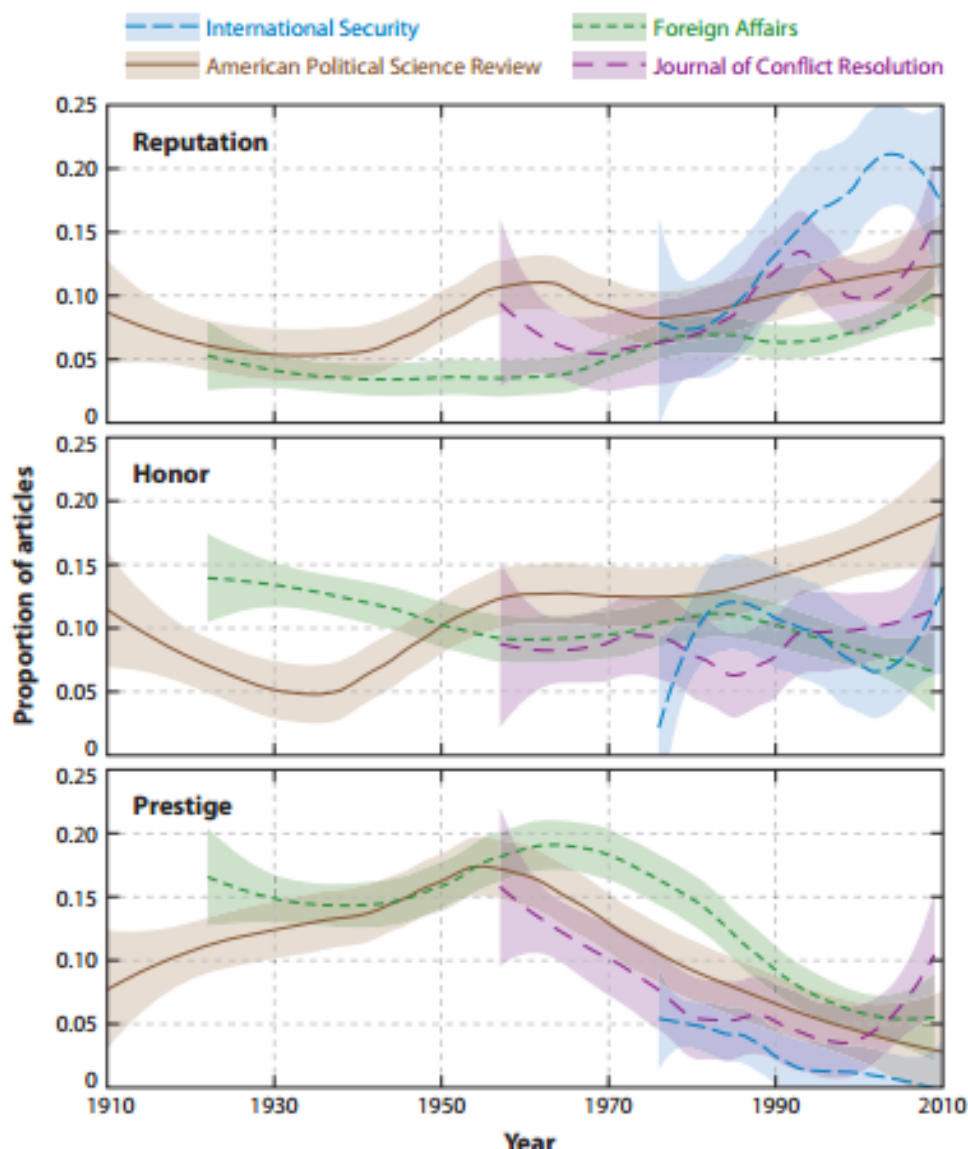
Homens bem situados são acatados, têm mais influência, em decisões do grupo, geralmente possuem uma fatia maior dos recursos do grupo e sempre têm mais esposas, mais amantes e mais casos amorosos com as esposas de outros homens. Os homens empenham-se pela eminência, obtendo-a de alguns modos que são familiares nos livros de zoologia e de outros modos que são exclusivamente humanos. (Pinker, Steven 2004:520).

O eu referente institui formas de tratamento, títulos, prêmios, biografias, frases célebres, feriados, música, filmes e toda a mobília que compõe a posteridade que é patrimônio tão importante que chega a contaminar parentes, cônjuges, amigos e até conterrâneos.

A figura abaixo demonstra a correlação entre as publicações em veículos conceituados e seus efeitos compensatórios imateriais<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup> Reputation and Status as Motives for War Allan Dafoe, Jonathan Renshon, and Paul Huth. Yale, The Annual Review of Political Science, February, 10, 2014



O Status Well-Being (SWB) é passível de aferição sociométrica e se correlaciona com o sucesso reprodutivo (outra tentativa de driblar a mortalidade) e está intrinsecamente associado ao nosso processo evolutivo e obedece à variável de gênero. Observemos o gráfico abaixo<sup>4</sup>:

<sup>4</sup> The Local Ladder Effect: Social Status and Subjective Well-Being. Anderson, Cameron, University of California, Berkeley Kraus, Michael W., University of Illinois, Urbana-Champaign Keltner, Dacher, University of California, Berkeley Publication Date: 10-05-2011

Table 1

**Study 2: Stepwise regression predicting subjective well-being (SWB)**

Independent Variable	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4
Sociometric Status	.43*** (.04)	.30*** (.04)	.15** (.05)	.09 (.05)
Socioeconomic Status	.07 (.05)	.09 (.05)	.12** (.04)	.12** (.04)
Gender		-.04 (.08)	-.02 (.07)	-.01 (.07)
Ethnicity (White / non-White)		.11 (.09)	.07 (.08)	.07 (.08)
Extraversion		.41*** (.05)	.35*** (.05)	.36*** (.05)
Sense of Power			.33*** (.06)	
Social Acceptance				.39*** (.06)
R square	.250***	.404***	.456***	.476***
Change in R square		.153***	.052***	.073***
F test of model	50.22	40.33	41.49	45.05

*Note.* Coefficients are unstandardized regression coefficients with standard errors in parentheses. For gender 1=male, 0=female; for ethnicity 1=white, 0=non-white. Change in R square in Models 3 and 4 were based on change in R square from Model 2.  
\*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$ .

Ainda que de maneira sucinta queremos lembrar que qualquer estudo mais aprofundado sobre as relações de poder na sociedade precisa levar em consideração as influências competitivas intra e extra gêneros, especialmente sobre a forma as estratégias e os mecanismos que são utilizados por força do vetor evolucionista ou por contextos históricos que, apenas aparentemente, parecem ser dissonantes do melhor desempenho da espécie.

### **A Escola como Instituição Formadora do Subjetivismo**

Passemos então analisar a instituição escolar, de maneira muito sintética, para, logo a seguir, verificarmos suas possibilidades heterotópicas, tomando como roteiro a conferência de 1984, de Michel Foucault. A instituição escolar, obedece a parâmetros de rotina organizacional mais ou menos rígidos de acordo com a proposta pedagógica de cada escola. Ainda que seja relativamente fácil verificar diversas e importantíssimas mudanças evolutivas, comparando os modelos do século XVIII com os do XXI, tais como a eliminação dos castigos corporais, universalização da matrícula e inclusão dos anormais<sup>5</sup>, há uma imensa prática pedagógica calcada na repetição. Repetição

<sup>5</sup> Neste último caso, valorizando a nomenclatura foucaultiana.

de organização do tempo, com sinos e sirenes definindo hora de ingresso na escola e na sala de aula, de ficar calado, de desenvolver atividades, de socialização, de exercitar-se, de dançar e de retornar para a família.

Resultado dessa estruturação do tempo é a matriz arquitetônica que estabelece espaços de convivência diferenciados para direção da unidade, para professores e alunos, as salas de aula - onde os agrupamentos despersonalizados se formam – e áreas de ocupação fora da égide do magistério, onde os inspetores mantêm olhos atentos a comportamentos desviantes, além de refeitórios, salas de leitura e quadras esportivas. Há, inclusive, manuais governamentais com arquiteturas padronizadas que prescrevem esse modelo voltado a acentuar as tecnologias de controle<sup>6</sup>. Enfim, não há na escola nenhum espaço desconectado de uma orientação de conduta e uma responsabilidade hierárquica pela vigilância e cumprimento da mesma.

Como professa o adágio: “lugar de criança é na escola” ao mesmo tempo em que não é concebível nesta mesma escola, a criança solta, deixada a si. O desafio cotidiano é patrulhar os banheiros, as salas de aula na ausência do professor, o entorno da escola, o interior do ônibus escolar e os vestiários.

No interior da sala de aula, a manutenção das disposições das cadeiras e mesas propiciando ao professor o papel de fonte unitária de difusão do conhecimento e ao estudante a postura de receptáculo paciente.

Verificamos um conjunto de técnicas de gestão da juventude no decorrer da aula (administração da classe escolar), voltada a maximizar os esforços reprodutores do docente, sem perder de vista algumas alianças com a medicina no intuito de medicalizar os alunos mais agitados e dispersos.

Os conteúdos continuam frequentemente enciclopédicos, descontextualizados, compartimentalizados e em via unilateral<sup>7</sup>. No caso da aprendizagem das, não por acaso denominadas, disciplinas: a Língua Portuguesa, quando ultrapassa o letramento e a função social da escrita, ingressando na gramática - baseada na memorização de regras e excepcionalidades – verificamos o superlativo impacto no desempenho discente.

O ensino das ciências, abstrato e ausente de metodologia investigativa, transforma o mesmo em um exercício de memória de classificações de nomes em latim.

---

<sup>6</sup> Veja os modelos arquitetônicos de escolas divulgadas pelo site do MEC-FNDE <http://www.fnde.gov.br/programas/par/par-projetos-arquiteticos-para-construcao>.

<sup>7</sup> Conforme CASTRO, Maria Helena Magalhães e TIEZZI, Sérgio <http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/4ensinomedio.pdf>, MEC Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio 2000 <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> e NAMO DE MELLO, Guiomar <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/quem-precisa-de-escola-em-tempo-integral-no-brasil-e-professor-nao-aluno>

Esta organização discursiva, promove a sensação de que a instituição mudou muito pouco em relação ao seu modelo original, ainda que tenhamos de levar em conta que a generalização da assertiva seja notavelmente injusta.

Aqui cabe uma reflexão acerca do intuito de investigar as possibilidades heterotópicas no espaço escolar. A razão fundamental é que a perspectiva de um espaço de contra posicionamentos, indecidibilidades, implosões de convicções e *doxas*, ou seja a problematizações das tecnologias de disciplina e controle, poderia promover ao menos dois resultados de extrema importância para a instituição e a própria sociedade: em primeiro lugar proporcionar, através de uma perspectiva protagonista do jovem, uma maior inserção de sua identidade extra escolar no ambiente da instituição e com isso permitir novos mecanismos de “associativismo anárquico”<sup>8</sup> capazes de elaborar formas discursivas alternativas.

Neste mesmo viés, uma maior apropriação, por parte dos adolescentes, do espaço escolar, o que poderá estimular a difusão das discursividades criadas por força das sinergias, articuladas nesta elaboração de um tempo essencialmente caótico, mas, paradoxalmente, abrigando certos níveis mínimos de organização. Em segundo lugar, a perspectiva, naturalmente não utópica, do exercício do magistério, tanto quanto possível, afastado da função reprodutora e capaz de criar as condições necessárias ao processo de autoria.

Neste sentido, registre-se o exemplo mais celebrado<sup>9</sup> da atualidade, que é o da Escola da Ponte em Portugal que busca uma matriz heterotópica açambarcando a totalidade da instituição. Entretanto, a ideia força que vem à mente como possibilidade de construção deste *topos*, heterodoxo por excelência, é o da educação integral articulada. Explico melhor: a educação integral pode congrega no mesmo espaço e de forma simultânea as atividades culturais capazes de servir de combustível para o protagonismo juvenil e a expressão das culturas urbano contemporâneas e, numa perspectiva mais ambiciosa, articular saberes tendo ainda o estudante como agente da construção de seu próprio conhecimento, desenvolvendo assim as desejáveis capacidades de aprendizagem ao longo da vida: *lifelong learning skills*<sup>10</sup>.

Dando sequência à linha de raciocínio inicial, vamos tentar desenvolver a heterotopologia da instituição escolar seguindo a classificação didática proposta no texto de Foucault de 1984. Segundo ele, a característica de universalidade da heterotopia que está presente em todas as civilizações, traz

---

<sup>8</sup> Melhor explicado no parágrafo subsequente.

<sup>9</sup> Alguns estudiosos como o ALVES, Ruben <https://www.youtube.com/watch?v=MtGyHzlafLc> se dedicaram ao tema e a imprensa deu ampla cobertura à esta experiência portuguesa, dentre ela citamos a Editora Abril com a Revista Nova Escola <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/jose-pacheco-escola-ponte-479055.shtml> e o Programa Fantástico da TV Globo <https://www.youtube.com/watch?v=xzz4oDWVd6k>

<sup>10</sup> Conforme UNESCO, Fórum mundial de 2015 <http://en.unesco.org/world-education-forum-2015/5-key-themes/lifelong-learning>

consigo a perspectiva de que cada sociedade produza inexoravelmente um topos-temporal e as divide em: “de desvio” ou “de crise”, este último em processo de extinção<sup>11</sup>, e mais presente em sociedades primitivas. Não parece desarrazoado imaginar a heterotopia da instituição escolar na categoria “ de crise”, já que há, de fato, um processo agudo de agonia, onde estão inseridos os adolescentes, especialmente os de maior vulnerabilidade econômica que, em grande parte, não enxergam na instituição nada de bom ou proveitoso que não seja a passagem do tempo, aguardando o sinal autorizativo de finalizar a jornada<sup>12</sup>. Mas há também a hipótese descrita por Edson Passeto (2008:109): a da heterotopia anarquista com a produção de um espaço-tempo insurgente, de experimentação e indomesticável, todavia com uma tradução política onde os exercícios das funções de poder adotam outros modelos associativistas, que se distinguem dos sistemas hierárquicos e representativos da tradição.

São exercícios de pilotagem. Exercícios que levaram a práticas educativas em Bakunin, que estabelece o iluminismo radical da escola pelos exercícios de autoridade do professor sendo retroagida pelos movimentos de liberdade de pensar e atuar das crianças; (...) a recusa do saber para reerguê-lo como vontade recriada a cada dia, em que não se almeja mais sociedade alguma, mas a proliferação de miríades de associações, heterotopias. (Passeto, Edson, 2008:117).

O que realmente devemos nos ater é à perspectiva da ilusão que subverte outra ilusão que chamamos de realidade, tão falsamente orgânica, previsível e à mercê de um livre-arbítrio tido como infinito:

Enfim, o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois pólos extremos. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. (CARVALHO, Alexandre, 2014:82). A outra hipótese apontada, é a da heterotopia de compensação, melhor definindo como o espaço onde a ilusão é substituída por uma superlativa organização. Mas é, por suposto, na vertente da ilusão, que o texto nos guia numa interessante exemplificação da trajetória da arte, que nos convida à subscrição como forma de construção de um espaço escolar dotado de uma heterotopia de forma atípica e que lhe permitiria deflagrar neste espaço a energia germinativa de novas práticas discursivas.

---

<sup>11</sup> Conforme FOUCAULT, Michel, Outros Espaços.

<sup>12</sup> Conforme estudo da UNICEF sobre o Ensino Médio. A partir da página 85 o tema aqui exposto é tratado de maneira mais ampla e detalhada [http://www.unicef.org/brazil/pt/10desafios\\_ensino\\_medio.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/10desafios_ensino_medio.pdf).

Para encerrar este tópico é importante mencionar, ainda que brevemente, uma nova perspectiva de educação integral, igualmente dotada de contornos de ruptura e de autoria, valendo-se de apropriações simbólicas pouco convencionais, em parcela ou na totalidade do espaço escolar.

Ela poderá ter como fundamento filosófico a apropriação da *ética do cuidar de si como elemento de libertação*<sup>13</sup>, em suas dimensões de reflexão biológica e de edificação de princípios que levam a constituir uma estética da existência no plano individual do autoconhecimento, mas também do coletivo, no coexistivo da vida.

### Uma Visão mais Pragmática da Educação

Segundo o MEC<sup>14</sup>: “O trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal. Apenas os alunos que, por questões próprias, demandem atenção e intervenção individuais, devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola, e poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado.

Alunos portadores de algumas deficiências podem eventualmente ter dificuldades de comunicação e de expressão da sexualidade e, por isso, exigir formas diferenciadas de orientação na escola, nos conteúdos e estratégias de abordagem.

Acreditamos e alertamos para fato de que parece haver muito interesse político nesta disputa entre grupos mais conservadores e “moderninhos” (taxativamente rotulados como de esquerda), defendendo que a escola tem de tratar a questão da orientação sexual de forma radical, ensinado aluno a ser ou não ser gay (isso chega a soar ridículo, ninguém adentra uma pessoa a ter determinada orientação sexual). Eles incentivam este estarem “horrorizados” e “alarmados” porque agir de uma maneira ou de outra os reforça junto aos

---

<sup>13</sup> Estes princípios éticos são propagados por Foucault em diversos textos, em especial no terceiro volume de História da Sexualidade.

<sup>14</sup> <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>



grupos políticos que eles representam: ou dizendo que família é homem e mulher e pronto ou “ensinado criancinha a virar gay”.

Entendemos que os temas transversais precisam ser tratados, assim como a matemática, a história ou qualquer outra disciplina, conforme o grau de maturidade do aluno. A questão da orientação sexual na escola, é assunto para ampliar o nível de tolerância, combater todo o tipo de preconceito e discriminação, buscando uma sociedade mais harmônica, solidária e humanista. Um aspecto que reputamos muito importante neste tema, e está sendo esquecido é combater o machismo, ensinado as crianças desde muito pequenas, articulando a família com a escola. Ensinam que homem não chora, deve ser valente (agressivo), por exemplo. As pessoas, o tempo todo, elogiam os meninos pelo que eles são (fortes, corajosos, bons de bola, grandes, inteligentes). Já as meninas pelo que elas são em relação a “nós” (o que elas oferecem) aos outros, à sociedade (bem-comportada, quietinha, bonita, estudiosa, ajuda a mãe).

Segundo o Globo: Brasil teve mais de 600 casos de violência doméstica por dia em 2017. Já o Anuário Brasileiro de Segurança Pública registra, 221.238 ocorrências em 2016. O número de mulheres assassinadas aumentou 6,1%.<sup>15</sup>

A equidade nas relações de gênero e o combate à violência doméstica é um problema muito mais urgente e que precisa ser enfrentado nas escolas em articulação com as famílias. Inclusive discutindo (sem proibir ou condenar logo de cara) manifestações culturais como as músicas funks que coisificam e degradam as mulheres.

Um exemplo: Mc MM – Adestrador de cadela “O nome da música já mostra que o teor não é muito respeitoso ao público feminino. Logo de início, Mc MM canta: “sabe aquelas minas cachorras, piranhas, sapecas?” e se intitula “adestrador de cadela”. Também diz que “pega, bota na tcheca e depois solta na banguela” – gíria para abandonar, deixar pra lá, repassar.<sup>16</sup>”

A proposta que nos parece mais sensata é a de inserir a cultura já apropriada pelo jovem no interior da escola. Sim, exatamente para fazer o mesmo ouvir uma música misógina, machista e agressiva contra a mulher e eles, junto com elas, perceberem que estão reproduzindo uma mensagem degradante, ofensiva, diminuidora da mulher e deturpada de sua sexualidade.

---

<sup>15</sup> <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/09/brasil-tem-mais-de-600-casos-de-violencia-domestica-por-dia-em-2017.ghtml>

<sup>16</sup> <http://www.lovz.com.br/funks-proibidoes-que-mulheres-cantam-mas-nao-deveriam/>

Ensinar ética é tarefa difícil no mundo de hoje, mas a questão precisa ser enfrentada de forma serena, argumentativa, fazendo refletir, levando o jovem a chegar às conclusões que o levem a construir uma cidadania humanista. A questão da orientação sexual, como foi dito, não é para ensinar ninguém a ser gay ou, em sentido contrário, dizer que o homossexualismo é doença.

Nos anos iniciais e no fundamental 1 a abordagem deste tema deve ter como prioridade absoluta o combate ao machismo, ao sexismo e a práticas de conduta opressivas contra as mulheres, bem como contra qualquer ser humano pelo fato dele ser “diferente”, pertencer a outra cultura, ter algum tipo de deficiência ou desvalia, professar ou não alguma crença religiosa...

Começa já na conjugação dos verbos: Eu, tu, ele, nós, vós, eles. E onde fica o ela e o elas? Pode parecer besteira, todavia não é. Se exclui o feminino na origem da aprendizagem da linguagem e linguagem é igual a pensamento, ninguém pensa fora da linguagem e a mesma constrói nosso arcabouço lógico, associativo, enfim, cognitivo. Os livros de história quase nunca falam de mulheres em suas lutas e mesmo como protagonistas de descobertas científicas, conquistas sociais, etc.

A questão da orientação sexual, enfim, deve ser tratada na escola como aspecto de promoção da Cultura de Paz e no ensino médio, de forma muito mais intensa, franca e aberta, no sentido de desenvolver o respeito ao outro, entender e valorizar as diferenças (de toda a ordem, afinal o ser humano é “diferente”, ninguém é igual a ninguém, somos múltiplos e a sexualidade é polimorfa mesmo, este conceito psicanalítico é clássico). Ou seja, no sentido de promover a tolerância, combater os preconceitos e sempre buscar a solução reflexiva e não violenta dos conflitos.

Ninguém vai para escola para mudar a sua orientação sexual, isto ocorre no plano do indivíduo. A função da escola é, através dos temas transversais (meio ambiente e sustentabilidade, a questão das diferentes culturas, saúde, trabalho e consumo) buscar construir junto com jovem uma cidadania ética, responsável, solidária e, levá-lo a ter um pensamento crítico. Não aceitar “verdades” como dogmas, que não podem ser contestados.

Nossa civilização exige o pensamento crítico para evoluir.

Nossa evolução social partiu invariavelmente de movimentos que contestaram determinadas práticas e ideias, que na época, eram tidas como absolutas e imutáveis.

O projeto de Michel Foucault é primordialmente voltado para a compreensão das matrizes de poder, que produziram formações discursivas, que por sua vez

estabeleceram atores sócio-institucionais e que levaram à apropriação ética constitutiva da subjetividade moderna.

O pensador francês nos faz ver que uma classe dominante não é nem um construto intelectual como também não é, naturalmente, um *a priori* histórico<sup>17</sup> Aquela se afirmara através de estratégias sistemáticas e reprodutoras, que acabam por serem deflagradas em regime de simetria entre as diferentes classes.

Pode-se, portanto, dizer que a estratégia de moralização da classe operária é a da burguesia. Pode-se mesmo dizer que é a estratégia que permite à classe burguesa ser a classe burguesa e exercer sua dominação. Mas não creio que se possa dizer que foi a classe burguesa, como um sujeito ao mesmo tempo real e fictício, que inventou e impôs à força, ao nível de sua ideologia ou de seu projeto econômico, esta estratégia à classe operária. (FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*, edição digital, página 144).

A escola, por derradeiro, se integra ao conjunto de instituições elencadas por Foucault, pela sua tipicidade na organização do controle disciplinar, de reprodução discursiva e de consolidação repetidora dos saberes à serviço de um modelo que serve a uma matriz dominante. No entanto, devemos admitir a perspectiva da produção dos novos discursos. Não é tarefa fácil imaginar esta possibilidade na prisão, no hospital ou na fábrica. Ainda que seja inteiramente admissível no hospício, onde o pensamento do louco tende a ser ontologicamente dissonante e, portanto, original.

Todavia, é possível pensar a escola como possibilidade de produção de divergências, capazes de produzir, muito além de reproduzir, de autorar, indo além do mero repetir.

Quiçá por esta razão, Michel Foucault integrante do Collège de France e, lembremos, professor, tenha tido o especial cuidado ao tratar da instituição escolar, raramente a incluindo em sua conhecida exemplificação e estudo de modelos institucionais da estrutura social. Possivelmente ou muito provavelmente, porque haveria de ser arqueologizada, genealogizada e compreendida na elaboração de uma obra específica que, infelizmente, nunca foi editada.

---

<sup>17</sup> Não há que se confundir o *a priori* histórico aqui inscrito com seu significado coloquial. Ele não trata de um conceito arqueológico, uma realidade dada ou um arcabouço de crenças ou valores sociais de uma época específica. “Este *a priori* é o que, em determinada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que nele aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode enunciar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro.” (apud MACHADO, Roberto, 2012:135)

## Conclusão

No livro que registra o debate entre Elizabeth Roudinesco e Jacques Derrida, *De que amanhã...*, há um trecho que gostaria que merecesse especial atenção como um alerta:

De uma maneira geral, e por mil razões que explico em outros lugares, em particular em *O monolingüismo do outro* (Porto, Campo das Letras, 2001), sempre desconfiei do culto ao identitário, bem como do comunitário, que lhe é tão frequentemente associado. Procuro sempre lembrar a dissolução cada vez mais necessária entre o político e o territorial. Compartilho de sua preocupação diante da lógica humanitária, diante da compulsão identitária, e resisto como a senhora, a esse movimento que tende para um narcisismo das minorias que vem se desenvolvendo por toda a parte – inclusive nos movimentos feministas.

(...)

Nesse caso, quer se trate das mulheres, homossexuais ou outros grupos, posso compreender a urgência vital do reflexo identitário. Posso então aceitar uma aliança momentânea, prudente, ao mesmo tempo apontando seus limites – tornando-os tão explícitos e inteligíveis quanto possíveis. Portanto não hesito em apoiar, por mais modestamente que seja, causas como das feministas, dos homossexuais, dos povos colonizados, até o momento em que desconfio, até o momento em que a lógica da reivindicação me parece potencialmente perversa ou perigosa. (Páginas 34 e 35).

Nele, JD aponta justa preocupação com o que ele denomina de narcisismo identitário, quiçá possa ser traduzido pelo aprisionamento político que esta identidade oferece a seus representantes, que se organizam em partidos políticos, organizações da sociedade civil e outros grupos de pressão.

Agora favorecidos com o fortalecimento das redes sociais, como instrumento de mobilização e agrupamento, sem a necessidade de assumir maiores responsabilidades pela ação do conjunto a que se faz parte.

Num outro momento da obra, o argelino nos convida a pensar sobre a necessidade de se pensar as relações de poder que se quer desconstruir, observando a coreografia da desconstrução, que abrange dois movimentos essenciais, qual sejam: a inversão e o deslocamento.

Acredito que este aspecto defina o atual falatório ou *calatório* acerca dos movimentos feministas e a eclosão de tantas manifestações, onde não faltam mulheres, enquadrando o feminismo dentro de um conceito estereotipado dos anos 60/70, onde a questão dos direitos iguais ainda era ponto central do movimento. Para muitos, imagino eu, ainda estamos neste estágio e a possível evolução tenha sido a da radicalização das ações voltadas a chocar a tal moral burguesa opressora, seja lá o que isso quer dizer em tempos modernos.

A luta pela igualdade, tende a nos mostrar como premissa finalística, um estado de igualdade da mulher com o homem, ou de todos com o paradigma masculino, branco, capitalista, tributável, etc... Todavia, aceitar este modelo como meta é limitar-se a um estado de mera inversão, onde mulheres assumem os lugares dos homens “para praticar as mesmas práticas”, talvez acrescidas do condimento da vendeta. Sem o deslocamento, não se desconstrói, vez que fica inalterada a equação de poder e suas modalidades de exercício. Tão somente substituímos polos, ou o vetor da força.

O deslocamento exige uma mudança de atitudes, de valores, de estratégias de convivência, em busca de uma relação de poder mais evoluída para a sociedade. E parece ser impossível imaginar esse topos ou melhor, esta heterotopia, para invocar uma vez mais a escritura de Michel Foucault, sem a valorização da diferença, com S, registrando graficamente que não estamos nos referindo a uma diferença como oposição ao igual, todavia indo além: na direção de um contraste nos fazeres, na construção dos discursos, dos rituais, dos saberes, na maneira mais ampla que se possa compreender o conceito.

O desafio do Além do Homem de Nietzsche, neste caso homem compreendendo a espécie humana, com a necessária “transvalorização de todos os valores”, vaticinada em Zaratustra, ainda é necessário.

Estamos aqui nos reportando a um feminismo do milênio, que estabeleça uma relação de poder entre os gêneros, independentes das orientações sexuais e de suas organizações coreográficas em determinado momento de tempo. Imaginamos que o feminismo não merece vir como mera oposição ao machismo, vez que apequena o conceito.

A proposta é desconstruir as relações de poder atuais, à longo prazo, fazer desmoronar seu arcabouço genético reprodutor e, a todo o tempo, modificar as interações entre as pessoas, as instituições, a linguagem e por consequência: a forma de pensar ativa e reativamente as relações de gênero em nosso planeta..